



DEUSA VIVA

Uma publicação do **Círculo de Mulheres da Teia de Thea**
Lua Cheia, Abril de 2013, nº 164



Cy, A Grande Mãe Brasileira

O Brasil é o país que concentra o maior número de pessoas a cultuarem uma das manifestações da Grande Mãe, como Iemanjá, a deusa ancestral das águas, "A Senhora do Mar". Só perde para a Índia, onde inúmeras deusas com diversos nomes e aspectos são cultuadas até hoje. Anualmente, às vésperas do Ano Novo e no dia dois de fevereiro, milhões de pessoas levam suas oferendas e orações para as praias brasileiras, ou saem em procissões marítimas ou fluviais, similares às antigas cerimônias egípcias e romanas – Navigium Isidi – dedicadas a Ísis, Deusa Mãe protetora dos viajantes e das embarcações.

 Mirella Faur



Apesar da devoção brasileira a Iemanjá, seu culto não é nativo - ele foi trazido ao Brasil no século XIII pelos escravos da nação ioruba. Yemojá ou YéYé Omo Ejá, a "Mãe cujos filhos são peixes", era o orixá dos Egbá, a nação ioruba estabelecida outrora perto do rio Yemojá, no antigo reino de Benin. Devido a guerras, os Egbá migraram e se instalaram às margens do rio Ogun, de onde o culto a Iemanjá foi levado pelos escravos para o Brasil, Cuba e Haiti.

Nesses países, Iemanjá passou a ser venerada como "Rainha do Mar", orixá das águas salgadas, apesar da sua origem ter sido "o rio que corre para o mar", sua saudação sendo Odo-Yiá, que significa "Mãe do Rio". Analisando os nomes Ya/man/Ya e Ye/Omo/Ejá conforme a "Lei de Pemba" – a grafia sagrada dos orixás, postulada pela Umbanda Esotérica-, encontram-se os mesmos vocábulos sacros que significam "Mãe das águas, Mãe dos filhos da água (peixes) e Mãe Natureza".

Iemanjá é considerada pela Umbanda Esotérica como uma das sete "Vibrações Originais", sendo o princípio gerador receptivo, a matriz dos poderes da água, o eterno e Sagrado Feminino. Portanto, Iemanjá personifica os atributos lunares e aquáticos da Grande Mãe, padroeira da fecundidade e da gestação, inspiradora dos sonhos e das visões, protetora e nutridora, mãe primeva que sustenta, acalenta e mitiga o sofrimento dos seus filhos de fé.

No entanto, por mais que Iemanjá seja reconhecida e venerada no Brasil, ela não representa a Mãe Ancestral nativa, que tenha sido cultuada pelas tribos indígenas



antes da colonização e da chegada dos escravos. Infelizmente, muito pouco se sabe a respeito das divindades e dos mitos tupi-guarani. A cristianização forçada e a proibição pelos jesuítas de qualquer manifestação pagã destruíram ou deturpam os vestígios de Tuyabaé-cuáa, a antiga tradição indígena, a sabedoria dos velhos payés.

Segundo o escritor umbandista W.W. da Matta e Silva e seus discípulos Rivas Neto e Itaoman, a raça vermelha original tinha alcançado, em uma determinada época distante, um altíssimo patamar evolutivo, expresso em um elaborado sistema religioso e filosófico, preservado na língua-raiz chamada Abanheengá, da qual surgiu Nheengatu, a "língua boa", origem dos vocábulos sagrados dos dialetos indígenas. Com o passar do tempo, a raça vermelha entrou em decadência e, após várias cisões, seus remanescentes se dispersaram em diversas direções. Deles se originaram os tupi-nambá e os tupi-guarani, que se estabeleceram em vários locais na América do Sul.

As concepções religiosas do tronco tupi eram monoteístas, postulando a existência de uma divindade suprema, um divino poder criador (às vezes chamado de Tupã) que se manifestava por intermédio de Guaracy (o Sol) e Yacy (a Lua) que, juntos, geraram Rudá (o amor) e, por extensão, a humanidade. O culto a Guaracy era reservado aos homens, que usavam os tembetá, amuletos labiais em forma de T, enquanto as mulheres veneravam Yacy e Muyrakitã, uma deusa das águas, e usavam amuletos em forma de batráquios e felinos, pendurados no pescoço ou nas orelhas.

Guaracy era a manifestação visível e física do poder criador representado pelo Sol. Apesar do astro ser considerado o princípio masculino na visão dualista atual, a análise dos vocábulos nheengatu do seu nome revela sentido diferente. Guará significa "vivente", e cy é "mãe", o que formaria a "Mãe dos seres viventes", a força vital que anima todas as criaturas da natureza, a luz que cria a vida animal e vegetal. Também em outras tradições e culturas (japonesa, nórdica, eslava, báltica, egípcia, australiana e nativa americana), o Sol era considerado uma Deusa, o que nos faz deduzir que, para os nativos tupi, a vida e a luz solar provinham de uma Mãe - Cy - que só mais tarde foi transformada em Pai. Yacy era a própria Mãe Natureza, seu nome sendo composto de Ya (senhora) e Cy (mãe), "a Senhora Mãe", fonte de tudo, manifestada nos atributos da Lua, da água, da natureza, das mulheres e das fêmeas.

Cy - ou Ci - representa, portanto, a origem de todas as criaturas, animadas ou não, pois tudo o que existe foi gerado por uma mãe que cuida da sua preservação, do nascimento até a morte. Sem Cy (mãe), não existe, nem pode perdurar a vida, pois ela é a Mãe Natureza, o princípio gerador, nutridor e sustentador da vida. Na língua tupi existem vários nomes que especificam as qualidades

maternas: Yacy, a Mãe Lua; Amanacy, a Mãe da Chuva; Aracy, a Mãe do Dia, a origem dos pássaros; Iracy, a Mãe do Mel; Yara, a Senhora da Água; Yacyara, a Senhora do Luar; Yaucacy, a Senhora Mãe do Céu; Acima Ci, a Mãe dos Peixes; Ceiuci, a Mãe das Estrelas; Amanayara, a Senhora da Chuva; Itacy, a Mãe do Rio da Pedra, e tantas outras mães – do frio e do calor, do fogo e do ouro, do mato, do manguê e da praia, das canções e do silêncio. As tribos indígenas conheciam e honravam todas as mães e acreditavam que elas geravam sozinhas seus filhos, sem a necessidade do elemento masculino, atribuindo-lhes a virgindade - o que também em outras culturas simbolizava sua independência e autossuficiência. Em alguns mitos e lendas, as virgens eram fecundadas por energias numinosas (sobrenaturais) em forma de animais (serpente, pássaro, boto), forças da natureza (chuva, vento, raios), seres ancestrais ou divindades.

A explicação da omissão na mitologia indígena do elemento masculino na criação era o desconhecimento do papel do homem na geração da criança, além do profundo respeito e reverência pelo sangue menstrual que, ao cessar "milagrosamente", se transformava em um filho. Somente pela interferência dos colonizadores europeus e pela maciça catequese jesuíta que, na criação do homem, o Pai assumiu um papel preponderante, o Filho tornou-se o segundo na hierarquia, salvador da humanidade - como Jurupary, e à Mãe coube apenas a condição de virgem (como Chiucy). Porém, apesar do zelo dos missionários para erradicar os vestígios dos cultos nativos da cultura indígena e dos escravos, muitas de suas tradições sobrevivem nas lendas, nos costumes folclóricos, nas práticas da pajelança - e sua variante a encantaria - que estão ressurgindo, cada vez mais atuantes, saindo do seu ostracismo secular.



Outro arquétipo da Mãe Ancestral é descrito no mito amazônico da Boiúna, a "Cobra Grande", dona das águas dos rios e dos mistérios da noite. Apresentada como um monstro terrível que vive escondido nas águas escuras do fundo do rio e ataca as embarcações e pescadores, a Boiúna ou "Cobra Maria" é, na verdade, a "Face Escura da Deusa, a Mãe Terrível, a Ceifadora", que tanto gera a vida



no lodo como traz a morte, no eterno ciclo da criação, destruição, decomposição, transformação e renascimento.

Caamanha, a “Mãe do Mato”, é outro aspecto da “Mãe Escura” que protege as florestas e os animais silvestres, e pune, portanto, os desmatamentos, as queimadas, a captura e matança dos animais e a violência contra a natureza. Pouco conhecida, ela foi transformada em dois personagens lendários: Curupira e Caapora. Descritos como seres fantasmagóricos, peludos, com os pés voltados para trás, às vezes com um aspecto feminino, são os guardiões das florestas, que levavam os caçadores e invasores do seu habitat a se perderem nas matas, punindo-os com chicotadas, pesadelos, acidentes ou até mesmo com a morte.

Nas lendas guarani relata-se a aparição da “Mãe do Ouro”, que surge como uma bola de fogo ou manifesta-se nos trovões, raios e ventos, mostrando a direção da mudança do tempo. Em sua representação antropomórfica, ela torna-se uma linda mulher que reside em uma gruta no rio, rodeada pelos peixes e de onde se manifesta no ar como raios luminosos, ou então surge na forma de uma serpente de fogo, punindo os destruidores das pradarias. Em sua versão original, ela era considerada a guardiã das minas de ouro, que seduzia os homens com seu brilho luminoso, afastando-os das jazidas. Seu mito confunde-se com o do Boitatá, uma serpente de contornos fluídicos, plasmada em energia etérea com dois imensos olhos; ela guardava os tesouros escondidos, reminiscência dos aspectos punitivos da Mãe Natureza, defendendo e protegendo suas riquezas.

A deturpação cristã do mito punitivo pode ser vista na figura da “Mula sem Cabeça”, metamorfose da concubina de padre, que assombra os viajantes nas noites de sexta-feira (dia dedicado, nas culturas pagãs, às deusas do amor, como Astarte, Afrodite, Vênus, Freyja) e do Teiniágua, lagarto encantado que se transforma em uma linda moça para seduzir os homens, desviando-os dos seus objetivos.

Quanto ao significado esotérico de Muyrakitã, devemos decompor seu nome em vocábulos para compreender sua simbologia feminina: Mura - mar, água; Yara - senhora, deusa; Kitã - flor. Podemos então interpretá-lo como “A deusa que floriu das águas” ou “A Senhora que nasceu do mar”. Esta divindade aquática, considerada a filha de Yacy, era reverenciada pelas mulheres que usavam amuletos mágicos chamados ita-obymbaé, confeccionados com argila verde, colhida nas noites de Lua Cheia no fundo do lago sagrado Yacy-Uaruá (“Espelho da Lua”), morada de Muyrakitã. Esses preciosos amuletos só podiam ser preparados pelas ikanyabas ou cunhãtay, moças virgens escolhidas desde a infância como sacerdotisas do culto de Muyrakitã - vetado, portanto, aos homens. Nas noites de Lua Cheia, as cunhãtay, devidamente preparadas,

esperavam que Yacy espalhasse sua luz sobre a superfície do lago e, então, mergulhavam à procura da argila verde. A preparação das virgens incluía jejum, cânticos e sons especiais (para invocar os poderes magnéticos da Lua), além da mastigação de folhas de jurema, uma árvore sagrada que contém um tipo de narcótico que facilita as visões. Enquanto as cunhãs mergulhavam, as outras mulheres ficavam nas margens do lago entoando cânticos rítmicos ao som dos mbaracás (chocalhos). Depois de “recebida” a argila das mãos da própria Muyrakitã, ela era modelada em discos com formato de animais, sendo deixado um pequeno orifício no centro. Em seguida, todas as mulheres realizavam encantamentos mágicos, invocando as bênçãos de Muyrakitã e Yacy sobre os amuletos, até que Guaracy, o Sol, nascia solidificando a argila com seus raios.

Esses amuletos, que ficaram conhecidos com o nome de muiraquitã, tinham cor verde, azul ou de azeitona e eram usados no pescoço ou na orelha esquerda das mulheres. Acreditava-se que eles conferiam proteção material e espiritual e que podiam ser utilizados para prever o futuro, nas noites de Lua Cheia. Após serem submersos na água do mesmo lago, os amuletos eram colocados na testa das cunhãs e com orações eram invocadas as bênçãos de Yacy e Muyrakitã.

No nível exotérico, profano, o muiraquitã é conhecido como um talismã zoomorfo, geralmente em forma de sapo, peixe, serpente, tartaruga ou de felinos, talhado em pedra (nefrite, esteatita, jadeíta ou quartzito), bem polido, ao qual se atribuíam poderes mágicos e curativos. Foram encontrados vários deles na área do baixo Amazonas, entre as bacias



dos rios Trombetas e Tapajós, sendo chamados de “pedras verdes das Amazonas”.

Esta denominação folclórica pode ser uma confirmação do mito das Amazonas ou Ycamiabas, as “mulheres sem homens”, como foram chamadas pelo padre Carvajal, da expedição de Francisco de Orellana, em 1542. Os relatos míticos as descrevem como mulheres altas, belas, fortes e destemidas, longos cabelos negros trançados e tez clara, que andavam despidas e utilizavam com maestria o arco e a flecha para guerrear e caçar. Diz a lenda que elas escolhiam anualmente homens adequados para serem os pais de seus filhos, presenteando-os com muiraquitãs. Outras fontes afirmam que elas usavam ornamentos de pedras verdes esculpidos em forma de animais como objetos de troca com visitantes ou tribos vizinhas. Os missionários atribuíam aos índios tapajós a origem dos muiraquitãs, mas eles eram apenas seus portadores, não os fabricantes, exibindo-os como símbolos de poder ou

riqueza, ou ainda como compensação na realização de ritos fúnebres, nas cerimônias de casamento ou para selar alianças e acordos de paz entre as tribos.

Ocultos em mitos, lendas e crenças, existem ainda muitos resquícios das antigas tradições e cultos indígenas. Descartando as sobreposições e distorções cristãs e literárias, poderemos resgatar a riqueza original das diversas e variadas apresentações da criadora ancestral brasileira, Mãe da Natureza e de tudo o que existe, que existiu e sempre existirá. Cabe aos estudiosos e pesquisadores atuais desvendar os tesouros históricos do passado indígena brasileiro, com isenção de ânimo e sem distorções, em uma sincera dedicação e lealdade à verdade original, para oferecer às nossas mentes as provas daquilo que os nossos corações femininos sempre souberam, ou seja, “que a Terra é a nossa Mãe e devemos cuidar dela”.

Cada vez mais temos provas científicas desta verdade que existe nos nossos corações, ou seja, que nos tempos antigos os seres humanos veneravam e oravam para uma Criadora, guardiã dos portais da vida e da morte, cujos templos eram a própria Natureza e cujos nomes estão ocultos nas nossas memórias ancestrais. Por sermos seus filhos, somos todos nós irmãos de criação, interligados, conectados e responsáveis por fazermos parte da teia cósmica e telúrica da Sua Criação. Como Filhas da Grande Mãe brasileira, devemos lembrar e honrar que cada árvore, animal, pedra ou planta tem uma mãe, que existem guardiões da natureza que observam e julgam nossas ações e que a única maneira de garantir nossa sobrevivência é respeitar, cuidar e amaro solo sagrado sobre qual caminhamos, que nos alimenta e sustenta. Porém não devemos esquecer que a Mãe Natureza tem sua Face Terrível e antes que ela a torne contra nós, precisamos mudar nossas ações e atitudes, curar as feridas que infligimos no corpo da Mãe Terra, expandir nossa consciência, refazer crenças, valores e propósitos e consagrar nossas vidas para deixar um melhor legado para nossos descendentes.

Que a Grande Mãe perdoe nossas faltas e erros e que nos ajude salvar a natureza e manter a paz sobre a Terra!

* Versão em português do artigo em inglês publicado pela revista The Beltane Papers #30 em fevereiro de 1998.



As Matriarcas das 13 Lunações*

Nesta Edição do Deusa Viva trazemos a canção “Mundo dos Sonhos”, de Mônica Fonseca**, dedicada à Matriarca da Quarta Lunação: Mãe Guardiã das Profecias. *Aquela que vê longe.*

Mundo dos Sonhos

- Intangível
- Mundo dos sonhos
- Pedaços da alma
- Entender, render-se ao fluir
- Forte proteção
- Todas cores
- Ouvidos pra ouvir
- Destruir ilusões
- Inteiro, livre o coração
- Salta pro infinito
- Palavras
- Intocáveis
- No fim do Universo
- Tudo a ver, mas nada além
- Só o momento
- Intangível
- Forte proteção



* Para saber mais sobre a Lenda das 13 Matriarcas, consulte o “Anuário da Grande Mãe” de Mirella Faur.
**O CD “Treze Luas” pode ser adquirido na entrada dos rituais da Teia de Thea, na UNIPAZ, ou com a própria artista pelo telefone (61) 9602.7126.

As Sacerdotisas da Grécia & Roma estão voltando!

Notícias quentes da Itália: Elas VOLTARAM!*

por Marguerite Rigoglioso, Ph.D.; Diretora Fundadora da Seven Sisters Mystery School

* Tradução de Raquel Capucci

Cara Comunidade,

Após retornar de 15 dias extraordinários realizando workshops e palestras de Milão a Palermo sobre meus livros “O Culto do Nascimento Divino na Grécia Antiga” e “As Virgens Deusas-Mães da Antiguidade”, tenho notícias que causarão arrepios na espinha daqueles que se consideram a serviço do mundo sagrado: Finalmente, depois de quase 2000 anos, as sacerdotisas estão reencarnando no solo da Itália e Sicília.

Elas estão vivas, lúcidas, passam bem e aumentam cada vez mais em quantidade. Assim como as sacerdotisas contemporâneas ao redor do mundo - inclusive muitas de vocês que agora leem este texto - elas veneram e servem a um grande número de divindades. Mas o que é particularmente fascinante, para aquelas de nós que circundamos a tradição mediterrânea, é que boa parte delas está assumindo firmemente seus deuses e deusas ancestrais.

Eu presenciei uma devoção intensa e tocante a Hera/Juno, Atena/Minerva, Ártemis/Diana, Deméter/Ceres, Perséfone/Kore, às Sereias e Ninfas - chamadas amorosamente por seus nomes específicos - até deuses como Apolo, Áries/Marte, Dionísio, entre outros.

Com nos dias de outrora, cada sacerdotisa tem seus favoritos, aqueles dos quais sentiram o chamado e por quem elas clamam. E ao contrário de muitos euro-americanos, que foram tirados da terra de sua ascendência através da colonização, essas mulheres estão organicamente ligadas aos lugares: a caverna de Cibele, os vários templos e locais sagrados de energia em Roma, o templo de Diana em Nemi, o antigo templo de Ísis em Turin, a pedra de Deméter em Enna, na Sicília, igrejas construídas sobre locais sagrados, lugares onde bruxas eram queimadas pela inquisição, e assim por diante.

De forma interessante, minha viagem coincidiu com a renúncia do Papa... O que sucedeu dois dias após eu viajar para Itália (para não citar a bagunça generalizada das eleições italianas, que aconteceram dois dias antes da minha volta). Muitas pessoas estavam considerando aquele acontecimento no centro do patriarcado ocidental como um sinal de que a velhas estruturas estão desabando, pelo simples fato de que PRECISAM desabar.

As pessoas também estavam impressionadas com a sincronicidade da minha ida a Roma para falar sobre o nascimento divino como uma prática sacerdotal real,

assim como para fazer uma apresentação sobre as irmandades sacerdotais oraculares em Délfis e Dodona. O sentimento geral era que algo muito assustador estava realmente acontecendo, e que era de fato o momento das mulheres sagradas se pronunciarem, mostrar quem elas eram, dizer “chega” e criar um novo panorama. Hora de pegar o touro papal pelos chifres!

O que estão fazendo as sacerdotisas italianas?

Como muitas de nós, as sacerdotisas italianas se comunicam com suas divindades e ancestrais em nome de si mesmas, de seus iguais e do mundo por meio de oferendas, seguindo o conhecimento adquirido. Elas abrem portais. Elas se sintonizam e fazem profecias, oferecendo orientação e cura por meio de práticas familiares a todas nós: Reiki, leituras oraculares, astrologia, tarô, runas, danças sagradas, etc., etc., etc.

Algumas delas até - e vocês que são familiarizadas com meus livros e ensinamentos não se surpreenderão - têm relações sexuais tântricas com divindades masculinas.

E elas estão aprendendo. Sentem que são os espíritos das Pítias de Délfis, as sibilas de várias localizações específicas pelo mundo antigo, as tão faladas “ninfas”, mulheres com um estilo realmente dakini de ser, conscientes de que teriam de transitar entre os mundos.

Muitas delas sabem ou sentem que são também reencarnações das sacerdotisas de Avalon, Atlantis, Lemúria, Egito, Tibete, e vários outros lugares. No pós-2012, estão retornando a seus postos ancestrais para reassumir seu papel tanto em sua terra natal, quanto em qualquer lugar onde encontrem ressonância.

Mas aquelas cuja carne anda em sintonia com a terra de seus ancestrais têm um poder especial e profundo de conhecimento e memória, em contraponto ao que pude perceber dentre o resto de nós que se apropriou de solo estrangeiro. É, portanto, particularmente comovente e instrutivo estar junto delas.

Lembrando quem somos

Senti-me honrada de ter chegado à Itália como uma professora nas últimas duas semanas, levando meu tempero particular com elementos delineados por minha pesquisa acadêmica e explorações pessoais e espirituais, combinadas às minhas raízes da Puglia e Sicília, o frescor da liberdade americana e meu conhecimento (apesar de enferrujado) da língua italiana.

Como filha dessas terras, eu as ajudei a se lembrar de quem são e, da mesma forma, elas me ajudaram a me lembrar de quem eu sou. O material que compartilhei sobre o nascimento divino e sobre os oráculos antigos foi muito bem-recebido e apreciado, confirmando o que elas já sentiam ou sabiam, mas também as auxiliando a atingir níveis superiores. Elas estão acessando seu conhecimento, rumando ao Mundo Antigo, explorando as Sombras, e muito mais.

Uma jornalista, chamada Valentina Minoglio, proporcionou uma ótima carta de apresentação para o início da minha viagem escrevendo um artigo sobre mim que, desde então, tem sido lido, apreciado e compartilhado largamente no Facebook, intitulado “Sacerdotisas do passado e futuro: Hora de despertar” (“Sacerdotesse tra Passato e Futuro: Tempo di Sveglarsi”).

A viagem foi o resultado de uma preparação de 12 anos, pois em 2001 eu completei minha tese de doutorado sobre os locais sagrados de Deméter e Perséfone em Enna e no lago Pergusa, na Sicília, me perguntando: Onde estão aquelas que ainda amam essas Deusas e que querem salvar seu lago sagrado, que também foi “violado” como Perséfone?

Agora elas estão ressurgindo. Uma editora na Sicília se interessou em publicar a tese, então em longo prazo seremos capazes de elevar a consciência e apoiar a campanha ambiental para salvar o lago sagrado de Perséfone, o lago Pergusa, na Sicília, com maior vigor na nova geração.

Reconectando a cabeça de Medusa – Elas estão dentro!

Antes da minha viagem, durante os meses de janeiro e fevereiro, homens e mulheres em mais de 16 cidades italianas juntaram forças com Valeria Trisoglio, sacerdotisa, escritora e minha tradutora, para atender ao meu chamado de criar rituais para “recapitar” Medusa.

Isso culminou no ritual, no qual me juntei a eles, realizado em Milão no dia 14 de fevereiro, depois do movimento “Um Bilhão se levantam” em Piazza del Duomo na mesma cidade, e por todo o mundo. Aquelas pessoas sentiram empatia por todas as mulheres que eram decapitadas como Medusa, e entenderam a importância esotérica de reconectar sua cabeça publicamente, muitas e muitas vezes, em forma de um ritual.

O que fez com que o movimento acontecesse?

Impressionantemente, o movimento das sacerdotisas italianas tem apenas 10 anos. E não posso desconsiderar o fato de que o movimento também inclui os homens. Eles são uma parte integrante daqueles que se identificam como “pagãos” ou “wiccanos” – apesar de que, como nos Estados Unidos e em outros lugares, essas vertentes são apenas uma parte dessa vibrante renascença. Desde a região norte de Trentino, até o final de bota e para além da Sicília, os homens também estão lá como fortes líderes e

aliados, de forma a propagar a grande consciência sobre o planeta.

Grande parte do crédito para a inspiração por trás desses movimentos deve ser dada a Luciana Percovich. Em seu posto de acadêmica, e como autora de um trabalho sobre o assunto, ela manteve olhos bem atentos sobre a literatura que era produzida por acadêmicos da Deusa ao redor do mundo, particularmente nos Estados Unidos e Reino Unido, coletando os volumes e pleiteando nas editoras italianas sua publicação. Graças às traduções agora disponíveis – e demandadas – em número cada vez maior, os italianos estão tendo acesso à informação necessária para mudar toda sua mentalidade. Ao lado disso, várias autoras como Phyllis Curott, Janet Farrar, Vicki Noble, Starkaw, Kathy Jones e tantos outros - homens inclusive - foram para a Itália como professores, abrindo caminhos e expandindo consciências.

Não podemos deixar de citar o trabalho memorável das próprias italianas, como Michela Zucca, Momolina Marconi, Sarah Perini, entre outras. E, claro, devo honrar uma de minhas mentoras, Lucia Chiavola Birnbaum, que, por sua vez, levou a mim e tantos outros de volta à Itália com seus estudos sobre as Madonnas Negras e o feminismo na Itália. Uma reverência também a minha amiga Mary Beth Moser, que acabou de defender uma notável dissertação sobre a sabedoria das mulheres indígenas na região de Trentino.

(Esta não tem intenção de ser uma lista completa, mas apenas para honrar aqueles dos quais tenho conhecimento – peço desculpas para quem tenha sido esquecido!)

E... Muito Grata...

Minha profunda gratidão a Genevieve Vaughn, Luciana Percovich e Sarah Perini por me ajudarem a fazer a tradução italiana do meu primeiro livro publicado, e para Vicki Noble, que me ajudou a cultivar na Itália um maravilhoso grupo de mulheres amorosas e espiritualmente sofisticadas. Gratidão infinita também para minhas maravilhosas produtoras do workshop, Valeria Trisoglio (também tradutora do meu livro e do workshop), Morena Luciani, Sarah Perini, Dario Pastore e Laura Petrinelli, sacerdotisas e sacerdotes poderosos, assim como a Federica Carmana, que atuou como minha intérprete em Turin, e Maurizia Merati, que criou uma maravilhosa Medusa para o V-Day!

Além disso, gratidão a Daniela Degan, Alberto Castagnolo e Mirco Horvath por sua hospitalidade e apoio caloroso. Meu agradecimento e admiração aos homens e mulheres que conheci em minhas palestras e workshops, que estão também fazendo o trabalho com a alma e o coração.

Coragem, todos!

Amorosamente,

Marguerite Rigoglioso, Ph.D.

Quintais e Crianças: Vida e Movimento

Tudo o que é vivo está em constante movimento. Até o que parece, à primeira vista, estático, como por exemplo, uma planta ou uma rocha, assim parece somente porque a escala de tempo dos humanos é diferente da escala de tempo desses Seres. As rochas se movem, racham, deslocam-se, acumulam matéria e crescem, são intemperizadas e transformam-se em solo. Muitos afirmam que rochas são seres vivos.

Há um filme na internet feito a partir de imagens da série VIDA da BBC, narrada por David Attenborough (<http://vimeo.com/26332964>). Filmado ao longo de dias, meses, ou quem sabe anos, os realizadores mostram o delicado e sutil movimento das plantas. Em seu crescimento, exploram espaços, sobem e descem, abrem-se em flores coloridas. Mas olhos atentos podem ver o movimento das plantas mesmo sem que seja necessário acelerar as imagens como nesse filme maravilhoso.

intelectual e cognitivo da criança, assim como o é para seu desenvolvimento físico. Para a criança pequena, o movimento é a forma de conhecer o mundo e de se comunicar. Portanto, as crianças não ficam se mexendo o tempo todo só para irritar os adultos (apesar de muitos pensarem e sentirem assim). Elas se mexem porque o movimento é necessário à oxigenação de suas células. Elas se mexem o tempo todo porque tudo lhes interessa. Oxigenadas, suas células são ávidas por conhecer, experimentar, vivenciar, viver. Seu corpo exige a movimentação constante para que os músculos se estendam, para que suas veias e artérias se estiquem, para que suas sinapses se formem. Seu corpo exige o movimento, para ficar forte e sustentar os ossos que crescem e o seu próprio peso, que aumenta a cada dia. Deixar que a criança experimente e vivencie o movimento livre e natural do seu corpo é essencial para que uma criança cresça feliz e equilibrada.



E as crianças? A definição de criança é movimento. Elas necessitam do movimento para crescerem. Tendo a acreditar que crianças educadas em ambientes e culturas muito sóbrios e rígidos, nos quais não podem se movimentar livremente, tendem a se tornar adultos tristes. Se existe algum estudo a esse respeito, gostaria de conhecê-lo.

Pedagogos, educadores e psicólogos que trabalham com educação infantil são unânimes em dizer que o movimento é essencial para o desenvolvimento

O quintal agroflorestal, ele também está sempre em movimento. Vejo que muitos têm a expectativa de que chegará o dia em que o quintal estará pronto. Isso não existe. A menos que seja gasta uma quantidade enorme de energia para mantê-lo estático. Além de podas frequentes, seria necessário utilizar adubos químicos e venenos sistematicamente para evitar o movimento do jardim. Criaríamos assim jardins frios e hidrofóbicos, que rejeitam a água e a vida.

Se o que desejamos é a vida em abundância e se o que

desejamos é viver em consonância com o fluxo da vida, é necessário deixarmos a sucessão acontecer, as espécies se substituírem, plantas morrerem e outras surgirem.

Um quintal agroflorestal muda o tempo todo. Quando começamos a acumular vida no solo, deixando-o abundantemente coberto com folhas e galhos (serapilheira), as sementes trazidas pelo vento, pelas aves, morcegos e todo pequeno animal que passar por ali germinam. Se for hábito levar para o quintal agroflorestal todo o resto orgânico da cozinha, inclusive caroços e sementes, então tomates, abóboras, manga, mamões e toda fruta que gostamos de comer brotarão magicamente no quintal. Em um quintal agroflorestal vivo e dinâmico, uma horta se transforma em pomar, o pomar volta a ser horta. A touceira de banana se expande, anda, e ocupa novos cantos do quintal deixando para trás solo fértil e mudas de frutíferas em crescimento. Árvores antigas se tornam adubo e ornamentais de sombra se expandem em espaços onde antes havia sol em demasia para elas. Em um quintal em movimento, nosso papel é o de espalhar sementes e estacas por todo o canto e observar a linguagem das plantas que vão nos mostrando os melhores ambientes para cada uma, as interações mais felizes com suas vizinhas. A partir dessa observação, podemos, com nossa intervenção, por meio do manejo, atuar de forma positiva, acelerando o movimento e o acúmulo crescente de vida e abundância.

Por tudo isso, um projeto de quintal agroflorestal é somente uma referência, um guia, uma direção a seguir, um lugar por onde começar, um destino fictício a nos orientar. Não se deve ter a expectativa de conseguir fazer um desenho exato de como estará o quintal daqui a 10 anos. Isso seria ter a boba expectativa de que podemos determinar exatamente como serão nossas crianças daqui a 10 anos. Tentativa infrutífera que pode ter como consequência a frustração. Estejamos abertos ao novo, ao inesperado, ao movimento. Que venham as sementes trazidas pelas aves que descansam nos galhos das nossas árvores, que germinem aquelas que vão junto com o resíduo orgânico da nossa cozinha. E que todas as crianças do mundo tenham o direito de movimentar-se e tornar-se exatamente aquilo que fará delas pessoas felizes.

* Helena Maltez é jardineira agroflorestal e mantém o blog <http://www.buniting.blogspot.com/>. Também recebeu o prêmio Tuxaua Cultura Viva do Ministério da Cultura.

Maria.
Tal qual o Louco no próximo passo, vem comigo num voo ousado, num abraço amoroso que abarca todo este país. Vem Sacerdotisa, encontrar a ti mesma no reflexo da Lua nas águas da Amazônia, ou nas areias brancas do Baeté. Imperatriz, mergulhe no verde abundante da floresta tropical, no alento das águas pantaneiras, na força dos pampas... Depois, experimenta a solidão da Eremita, encontrando dentro de ti mesma o espaço para cada manifestação de beleza e fertilidade. Da sinceridade desse mergulho certamente brotará a Força que te levará adiante, sem impor qualquer sombra de pequenez às tuas possibilidades ilimitadas, já amadurecida pela nova usão experimentada ao inverter sua posição em relação ao céu. Toma para ti o exemplo desse generoso espetáculo de grandeza, apropria-te da efervescência deste caldeirão de raças, integrando tudo!

Tantas vezes teus condicionamentos, tuas memórias e as desculpas intelectuais te levaram a supervalorizar o que brota em outros continentes, as águas de outras fontes, te apartando dessa beleza que te serve de berço. Ao ver desmoronar sua Torre, descobre que é hora de voltar para casa, pois que faço brotar perto de ti o alimento que te é fundamental.

Assim abençoadas em força e beleza, tuas mãos hão de criar com mais vigor a tarefa de cada dia, honrando com firmeza o legado dos povos que aqui vivam, antes que as caravelas ousassem aportar. E o Sol revelará teu templo interno, além da ilusão. E manifestarás em plenitude a tua feminilidade que, à minha imagem, foi criada em perfeição.

*Em bênçãos maternas,
Aquele que é.*

